



AMIZADE COMO UM MODO DE VIDA: HISTÓRIAS DE VIDA DA PROFESSORA MARIA ELENITA DE VASCONCELOS (1944-1984)

Maria Aline Souza Guedes¹

Universidade Federal de Campina Grande

Neste trabalho, problematizaremos aspectos da trajetória de Maria Elenita de Vasconcelos (1944-1984), professora e cientista social, natural de Pedra Lavrada-PB. O eixo norteador desta escrita será discutir as memórias construídas a partir de seus familiares, amigos e membros da cidade discutindo a temática amizade. Para fundamentar nossas discussões dialogaremos com os estudos de (ORTEGA, 2000), (QUINTILIANO, 2005), (PERROT, 2017, p.136), entre outros.

Palavras-chave: Memória; Amizade; Histórias de vida.

O objetivo desta dissertação é problematizar a memória construída a partir das histórias de vida da professora Maria Elenita com a temática amizade. Ela nasceu no município de Picuí - PB², em 1945, no sítio Salgadinho. Estudou o primário na Escola Estadual Professor Francisco Ferreira e, posteriormente, passou a morar na cidade de Campina Grande - PB³, onde estudou na Escola Estadual de Campina Grande e na Normal Pe. Emídio Viana. Em 1969, cursou Ciências Sociais e Políticas na Universidade Federal da Paraíba, *campus* II, também em Campina Grande.

Após a conclusão de curso, a educadora voltou para sua cidade natal, onde aplicou seus conhecimentos durante o período de 1971 a 1982, no mesmo lugar em que começou seus estudos, ocupando os cargos de diretora da instituição escolar, secretária do Programa Pró-município e lecionando as disciplinas de História e Geografia em Pedra Lavrada. A professora casou-se com Iêdo Carvalho Rosa em 1974, com quem teve três filhas: Andréa Vasconcelos Carvalho em 04/11/1975, Érika Vasconcelos Carvalho em 15/03/1981 e por último, Kilma Vasconcelos Carvalho no dia 18/04/1983. Já debilitada e encontrando-se na capital João Pessoa-PB, a professora faleceu em 1984, vítima de um câncer de mama.

A memória de Elenita permaneceu viva na cidade, isso fez com que o Sr. prefeito da época Manoel Rodrigues de Lima, em 1985 reconhecesse a relevância dos trabalhos prestados

¹ A autora é membro do Programa de Pós-graduação em História UFCG, na linha III História das práticas educativas.

² Pedra Lavrada passou a ser distrito de Picuí em 14 de julho de 1890, pela Lei Estadual nº 20, até a sua emancipação em 13 de janeiro de 1959, pela Lei Estadual nº 1.944. O município foi reconhecido oficialmente como cidade no dia 25 de janeiro de 1959. Disponível em: <http://pedralavrada.pb.gov.br/paginas/historia> Acesso em 25.11.2015.

³ Campina Grande é uma cidade brasileira situada no [estado](#) da [Paraíba](#), considerada um dos principais pólos tecnológicos da região. (83) 3322.3222



pela educadora, homenageando-a com seu nome a escola Municipal⁴ da cidade. No entanto, não conseguimos escritos sobre a professora na instituição, o que aumentou nosso compromisso, pois acreditamos que dessa forma estamos contribuindo com o estudo da história local da cidade.

Escrever sobre a vida de Elenita é também falar sobre as relações de afeto e companheirismo que experimentou ao longo do tempo, eles emprestaram seu tempo e passaram com ela muitas alegrias e dificuldade. O tempo da história e a história dos amigos, cada um entrou e saiu de forma única e tornaram seus dias mais plurais cheios de vida de possibilidades de serem livres através do prazer, atributo que faz reconhecer a liberdade do sujeito pensada por Foucault (ORTEGA, 1999).

Segundo (QUINTILIANO, 2005) podemos considerar que foram os Pitagóricos os primeiros a refletir sobre o tema. Em Platão e Protágoras se verifica a importância atribuída a amizade cívica na manutenção do Estado. Conforme nos diz (ORTEGA, 2000) os estudos da amizade sofreram renovado interesse a partir da década de 1970, pois no âmbito da filosofia, até então a amizade era pensada a partir de um objeto de celebração e culto, enquanto uma virtude moral.

Assistimos então, a uma transformação nas últimas décadas que antecedem o século XXI no interesse da amizade como estudo, entre eles cito Blanchot, Jaques Derridá, Hanna Arendt e Michel Foucault que operam com a ruptura clássica da *Philia-Amicita* e seus aspectos considerados como: igualdade, simetria e fraternidade. Nossa proposta será estudar a relação de amizade entre Maria Elenita na ótica Foucaultiana que contrapõe o Canône Clássico, Platônico e Aristotélico, considerando a amizade como uma relação experimental, criativa e transgressora.

Tais estudos tiveram na figura de Nietzsche um precursor, representante de uma nova modalidade, segundo (FERNANDES, 2006), ele foi capaz de romper com o pensamento metafísico que dotou a amizade grego-cristã de valores imutáveis. Este filósofo chama atenção para a experiência enquanto um terreno inseguro, atravessado por rupturas,

⁴ A referida escola foi construída em 1985, um ano após a morte de Maria Elenita. Inicialmente o “grupinho”, como ficou conhecido na cidade, comportava a escolaridade Pré-escolar pela manhã e EJA no turno da noite. Atualmente, a escola é referenciada pelo ensino de qualidade comprovados pelo IDEB (Índice de desenvolvimento de educação básica), obtendo a nota de 5.9 em 2015, considerado uma das melhores da região do Curimataú. Disponível em: <http://ideb.inep.gov.br/resultado/> Acesso 09.08.2017. Atualmente a escola funciona com os níveis de escolaridade do Ensino Infantil, Educação fundamental e educação de Jovens e adultos, e tem como diretor Daniel Macedo. A escola funciona na rua Heronides Meira de Vasconcelos, localizada no centro da cidade.



discordâncias, variação de humores entre amigos. Pessoas das quais a incitaram, lançaram desafios, e a transformaram reconhecendo suas diferenças.

Em entrevistas nos anos 80 Foucault⁵ tratou do assunto amizade enquanto uma relação social desenvolvida a partir da antiguidade. Onde os sujeitos viveram dotados de certa liberdade, embora que limitada, mas que o permitirá viver relações afetivas intensas.

Esse poder foi desenvolvido a partir do poder pastoral, com técnicas de individualização, na condição que cada um fosse submetidos a modelos específicos. Essas formas de figuras e modos de subjetivação foram características do cristianismo. “O poder pastoral pressupõe a existência, virtual ou atual de um pastor ou diretor da consciência perante o qual o autoexame da consciência é feito” (HÉLIO, NALDINHO, 2001). Dessa forma, a presença dessa racionalidade política impõe a preservação e fortalecimento da “matriz moderna individualizante” que faz ocorrer um certo empobrecimento das relações entre pessoas.

Foucault sublinha as relações sociais a partir da ética e estética da existência na Moral antiga, que para ele é a relação que o homem tem consigo próprio, uma moral que não se baseia na universalidade, mas na escolha de um modo de vida baseado na questão pessoal e elaboração da sua própria vida. Uma relação consigo próprio e com a verdade.

Nesse sentido, através das escolhas que os homens faziam de si, de não seguir uma moral ou quaisquer códigos impostos, compreendendo que o sujeito é uma “forma” que pode moldar a si mesmo, nasce o interesse de Foucault pela antiguidade. Essas características localizadas nos antigos, para ele, são aspectos que se distanciam cada vez mais da sociedade como a nossa. Onde o sujeito deve se comportar agir, ser, de determinadas formas. Para ele o sujeito deve agir como um estilo próprio como um sujeito arte, um artífice de si mesmo.

Assim, a estética da existência abre possibilidades não de escolhas pessoais, mas de pensar a vida como arte. A escolha é possível desde que o sujeito escolha pensar a vida, ciente dos dispositivos de poder. O que importa pensar na ótica Foucaultiana é problematizar o papel do sujeito no mundo em que vive, pensando o sujeito enquanto um corpo vivo da filosofia.

⁵ A trajetória do intelectual Michel Foucault (1926-1984) é reconhecida entre 1961 quando saiu seu primeiro livro e 1984 com seus últimos escritos. Sua obra influenciou e é inspiração de diversos pesquisadores de diferentes áreas. Muchail (2004) assim como alguns estudiosos de Foucault, aponta três momentos de seu pensamento. O primeiro: período da arqueologia, voltado as questões relativas a constituição dos saberes e inclui: *A história da loucura* (1961), *O nascimento da clínica* (1963), *As palavras e as coisas* (1966) e *Arqueologia do saber* (1969), o segundo momento é conhecido como a “genealogia” que aponta para as questões relacionadas ao poder, descritas nos livros *Vigiar e punir* (1975), o volume I da *História da sexualidade*, intitulado *A vontade do saber* (1976). O terceiro momento trata das questões relacionadas a constituição do sujeito ético e inclui os volumes II e III da *Historia da sexualidade*, respectivamente intitulados *O uso dos prazeres* e *O Cuidado de si* (1984).



A amizade, abre para Foucault virtudes relacionais ao passo que a homossexualidade tem como plano de fundo a liberação do desejo e busca da própria identidade sexual. (FOUCAULT,1981,p.2) acredita que a homossexualidade é “Um modo, de vida que pode ser compartilhado por indivíduos de idade, status e atividades sociais diferentes. Podendo dar lugar as relações intensas que não se parecem com nenhuma daquelas institucionalizadas.”

A partir dessas considerações, sobre amizade, faremos algumas observações referentes á algumas experiências de amizade, e as diferentes e múltiplas formas que Maria Elenita viveu ao longo da sua vida.

Aos amigos de longas datas

Maria de Fatima⁶, filha caçula de Jovina Lira e Solon Lira (pais de Elenita) relembra a amizade com sua irmã. A diferença de idade entre as duas era de 10 anos, sendo Elenita a mais velha. Elas nunca perderam contato mesmo em alguns momentos da vida estando afastada fisicamente. Afirma Fátima: “(...) Por ser a filha mais nova ela tinha uma atenção enorme por mim e o resto dos irmãos que eram menores”.

Na sua infância Fátima, faz questão acentuar o amor que envolvia seus pais: “Nossa infância foi de muita liberdade. Nossos pais, creio que se amavam muito e nós fomos criados em um ambiente de muito amor.” Ainda, lembra o período em que moravam no sítio, fala da liberdade e leveza ao sentir a brisa da natureza, as brincadeiras de correr, andar de cavalo e jumento, e também o delicioso banho no açude, que refrescava as duas meninas. Assim era “brincar para todo canto, a gente ia pra todo canto”. Inclusive ir ao cajueiro e recolher seus frutos, quando estes estavam maduros e ainda aventurar-se em seus galhos.

Devido a diferença de idade, Fátima convive com a irmã até os 7 anos de idade, pois em 1961 Elenita vai morar em Campina Grande para estudar. No entanto, ela sempre estava presente na cidade, principalmente nos finais de semana. Quando concluiu seu curso superior, retornou à cidade para trabalhar, a convivência das duas continua com maior intensidade a partir daí.

Fátima, concluiu o fundamental aos 18 anos tendo se casado aos 17 com Edinarte, com quem teve 4 filhos: Valquíria, Wagner, Vivian e Júnior. Ela permanece morando na e nos conta a dificuldade que passou para custear seus filhos, já que seu esposo até então era

⁶ Maria de Fátima Tavares tem 63 anos de idade, é professora aposentada e reside na cidade de Pedra Lavrada. O contato com a entrevistadora ocorreu na fase da escrita do Trabalho de Conclusão do curso realizado em 2015, porém a entrevista com apoio do gravador só ocorreu no dia 15.03.2017, na sua residência e com 00:25 min de duração. (83) 3322.3222



estudante de enfermagem na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Para ela, Elenita foi quem ajudou e foi sua confidente, dando apoio financeiro e emocional a Fátima.

Cada pessoa mantém diferentes formas de amizade. Através das entrevistas realizadas, acreditamos que Elenita mantinha vínculos um pouco distante com seu irmão Valdeci, que também foi nosso entrevistado.

Sabemos que amor, cumplicidade existiu, no entanto, não com tanta intensidade que aconteceu com suas irmãs Fátima e Rita. Isso é confirmado em sua própria fala: “Não, não tinha, eu não era aproximado, ela vivia trabalhando (...), em outra passagem ele continua “Lá em casa era 14 mas sempre cada um tinha a sua... “Tem seu jeito diferente, opinião diferente”. Quando eu interrogo sobre a relação de Elenita com a família e como eram as festas ou as confraternizações: “Naquela época podia fazer sim, mas... Era muito difícil, era muito difícil, às vezes aconteceu de ter um aniversário, uma coisa assim, mas era tudo muito difícil demais”.

Apesar desse distanciamento, Valdeci elogia sua irmã afirmando que muitas pessoas na cidade gostavam dela e que ela era uma pessoa calma. Quando se refere à infância, ele sempre retrata de uma forma geral, incluindo ele próprio e seus irmãos. A nossa impressão enquanto pesquisadoras é que existiu algum mal estar entre eles, a nossa desconfiança se deu devido a do seu nome na carta escrita pela professora, mas a esse respeito, discutiremos no último capítulo, e conseqüentemente as possíveis causas desse possível desentendimento.

Valdeci, junto com seus irmãos prestaram assistência financeiramente a Elenita e suas irmãs, nas despesas da casa e que serviu para que terminasse seus estudos em Campina Grande. Então, acreditamos que de certa forma, o fato dela ter se tornado referência na cidade, como uma mulher independente financeiramente, tenha se dado pela ajuda de seu irmão.

Relacionado aos últimos momentos da vida de Elenita, ele afirma ter ido sempre visitar e mesmo, com uma voz quieta e baixa, expressa emoção e afirma: “Homi, foi difícil demais, uma pessoa jovem com 38 anos.” Em outro momento “E a pessoa tem que lembrar que essas coisas acontecem que a vida da gente tem dessas coisas”.

A entrevista realizada com Valdecí nos faz lembrar um aspecto importante: a figura masculina e a dificuldade de demonstrar suas emoções. A autora (HILDEBRAND, 2014) em seu livro “O privilégio de ser Mulher” aponta para os “atributos” femininos, segundo essa autora, sua natureza concede a ela facilidade de exteriorizar sua emoção. “Se juntássemos todas as lágrimas derramadas por mulheres desde o



início, elas poderiam competir com o mar, ao passo que as lágrimas derramadas por homens encheriam uma piscina de tamanho modesto”. (HILDEBRAND, 2014, p.48).

Isso foi sendo construído culturalmente ao longo do tempo, como norma, só a mulher por “ser mais emotiva” pode demonstrar tais sentimentos, enquanto o homem é esse ser racional e não deve externar qualquer sentimento em público. Os estudos de gênero visam desconstruir tais pensamentos, que não são inatos ao ser humano, mas são construídos socialmente. São ideologias que serviram para estigmatizar e tratar o feminino como diferente do masculino.

Outra pessoa com quem tivemos contato ao longo dessa pesquisa foi Maria Dapaz⁷. As duas mulheres (Elenita e Dapaz) não tinham apenas o primeiro nome incomum, eram primas e companheiras fiéis. As duas levaram na bagagem para a “cidade grande” sentimentos semelhantes. Campina Grande que era a cidade próxima mais “avançada”, e havia o que Pedra Lavrada não oferecia: uma formação profissional por meio do curso superior. Mas aquele lugar tinha uma coisa que Pedra Lavrada não tinha que era o medo do incerto, do desconhecido, da riqueza, da imensidão. Enquanto a cidade pequena era, remota, seca, mas era povoada por pessoas simples, acolhedoras, solidárias, que formava uma grande família para as Marias.

As duas foram morar em Campina Grande, em casas diferentes, sempre houve esse envolvimento entre as amigas. Dapaz, afirma: “De quinze em quinze dias eu ia para a casa deles, nos domingos”. As duas fizeram o exame de admissão, uma para a Escola Normal Pe. Emídio Vaiana, e no caso de Dapaz, a Escola do Comércio de Campina Grande, ambas tinham o mesmo objetivo: se preparar para serem professoras.

Em meio a esse ideário de mulher professora, era provável que as Marias tivessem unidas na profissão, seguindo os passos desejados por seus pais. Após receberem seus títulos de professoras em 1969, estavam aptas a lecionar, mas as amigas passaram a querer mais, na procura de seu reconhecimento próprio, vão procurar outra atividade que lhes dessem prazer.

Para Foucault, o que é necessário não é a construção de identidades semelhantes, ou uma relação pautada da semelhança, cópia fiel, como a *philia* grega acreditava, mas um esforço e compreensão, para aceitação do outro como diferença. Que vai proporcionar consequentemente a transformação e criação de si. (HÉLIO, NALDINHO, 2001). Assim, Elenita apoiou sua amiga e instruiu sempre a seguir uma profissão que lhes desse prazer.

⁷ Maria da Paz reside na cidade de Campina Grande, atualmente é aposentada na profissão de professora. Foi nossa primeira entrevistada e teve como objetivo a escrita do trabalho de conclusão de curso em 2015. A entrevista foi realizada na sua residência no dia 12.05.2015 com duração estimada de 4 horas, com interrupções na gravação. (83) 3322.3222



Em 1973, após as eleições, Pedra Lavrada escolhe o novo prefeito, o Sr. Manoel Júlio. Esse acontecimento fez com que os pais de Dapaz, inconformados com os rumos que sua filha “formada” havia tomado, pediram um emprego para que a adolescente voltasse a morar na cidade. Levando em consideração as angústias sofrida pelos conterrâneos, pais de Dapaz, o Sr. Manoel Júlio emprega a jovem na cidade como tesoureira. Enquanto isso, Elenita já tinha terminado seu curso de Ciências Sociais e voltado a sua terra natal para exercer sua profissão de professora nas disciplinas de História e Geografia.

Com dedicação e prazer, Elenita passa a se interessar pelo magistério, e assume o cargo de diretora da escola Professor Francisco Ferreira, escola onde aprendeu a ler e escrever as primeiras letras. Dapaz conta com um sorriso estampado e, ao mesmo tempo, com emoção, o reencontro na Escola e o apoio com que Elenita lhe deu nesse momento, principalmente quando a convence a lecionar.

Após esse momento difícil, a história une a vida das Marias durante dez anos, tempos de carinho mútuo, e de muita cumplicidade. Passaram a se destacar na cidade, a ter amor pela educação, repassando seus conhecimentos para os outros professores, organizando eventos e se doando ao máximo.

Apesar da distância, das idas e vindas que a vida deu na vida dessas Marias, percebemos uma amizade rara. A morte separou as duas Marias da convivência, mas nunca conseguiu matar as lembranças de uma convivência compartilhada, de fidelidade e de amor.

Falar, escrever sobre amizade é principalmente falar de afetividade, essa que para (BRETON, 2009, p.111) “O homem está efetivamente no mundo”, isso significa afirmar que em todos os momentos o pesquisador e aquele que cede a narrativa estão sobre influência de sentimentos, seja na mudança da fala, do olhar, de diferentes formas. Os sentimentos estão em constante movimento, os quais podem mudar de acordo com as circunstâncias. Isso ocorre principalmente porque ela é diluída nas malhas do tempo, que altera seu significado.

Através do relato o indivíduo percorre através da memória diferentes lembranças que podem brotar, chocando-se com o presente. Isso implicará em diferentes emoções, seja de um acontecimento pessoal, de alegria ou tristeza. Embora tenha se passado muitos anos, a lembrança de Elenita parecia estar viva para Maria Dapaz, principalmente na lucidez com que conta os fatos, as histórias do cotidiano, e as emoções externalizadas.



Outra pessoa que também fez parte de sua confiança foi Graciliano Calixto⁸, qual relembra:

(...) Ela foi o máximo, ela foi uma pessoa que marcou minha vida, porque ela tanto me ensinou a aprender a trabalhar como secretário escolar, como quando fui aluno. Eu acho que ela, foi uma pessoa que fez com que eu me tornasse, uma pessoa mais útil mais humana, que aprendesse mais, ela me estimulou muito. Agora, tinha aquele jeito para fazer com que as pessoas tivessem mais gosto de viver. (CALIXTO, 2017).

A amizade entre Graciliano e Elenita, foi intensa. Começou bem antes com a amizade entre seus pais, e continuou com mais intensidade quando o mesmo passou a frequentar a escola na cidade tornou-se aluno dela. Suas dificuldades e medos foram sanados por Elenita que insistiu no aprendizado de Graciliano. Em 1981 ele prestou concurso para auxiliar de serviços e quando chegou à escola para trabalhar, Elenita percebeu seu potencial para área administrativa e o colocou na secretaria. Onde permaneceu ela esteve presente na Escola.

Graciliano recorda do período em que começou a trabalhar na Escola, quando passou 5 (cinco) meses sem receber salário e ela sempre demonstrou preocupação a respeito e na tentativa de ajuda-lo, no cuidado com o outro, Elenita ofereceu emprestado do seu próprio dinheiro para que o secretário lhe pagar quando recebesse. Ela ajudava não só a ele, mas a outras pessoas quando tinha conhecimento, e essa ajuda não era feita de forma visível “(...)Ela procurava ajudar sem transparecer. Acho que ela seria aquela a dizer: daí com uma mão que a outra ajudarei”.

Sobre o cuidado com o outro, ele ainda relembra uma relação importante que Elenita mantinha com uma mulher que sofria preconceito na cidade e que a trouxe para a convivência na escola:

Nicinha de D. Marta era uma mãe muito sofrida, porque o esposo dela alcoólatra e gostava de andar, eu acho que ela rodou os estados do nordeste, quase tudo mais ele. Teve dois filhos dela, que contraíram aquela doença Hanseníase, que antigamente o povo chamava de doença do “papa figo” chegaram aqui em pedra Lavrada, mas esse povo era tão discriminado por conta disso, teve uma época que o povo era discriminado demais, o povo tinha medo. Eles ficaram com umas sequelas nas mãos, naquela época o tratamento quase que não existia, mas Elenita queria um bem tão grande a ela, quase todas as coisas que ela fazia no grupo mandava chamar ela, lembrava logo: D. Nicinha, que ela era contente demais, Nicinha tomava uma e começava a contar umas histórias, mas ela ria demais com as graças de D. Nicinha fazia. (CALIXTO, 2017)

O cuidado de trazer o outro, que é marginalizado, estigmatizado como o doente, o feio, o pobre é percebido nessa fala como um aspecto admirável em Maria Elenita, uma mulher que tentava ser uma pessoa melhor, trazendo-o para a sociedade dando espaço e voz. Provando que essas pessoas têm seus atributos, ensinamentos e histórias de vida. Aproxima-se do que

⁸ Graciliano Calixto de Macedo reside na cidade de Pedra Lavrada-PB é aposentado na profissão de auxiliar de serviços e desenvolve o trabalho de agricultor. A entrevista ocorreu na sua residência com duração de 00:49 minutos no dia 13.03.2017. (83) 3322-3222



(FOUCAULT,1997, p111) entende como uma maneira de fazer da história, não mais através da separação entre os loucos e não loucos, o doente e não doente mas “(...) dando lugar ao sujeito que vive, que fala e que trabalha”. Isso só é possível através do que ele chama de governo de si na sua articulação com o outro.

Graciliano Calixto, fala os momentos de descontração quando Elenita ia para o sítio de sua família, no qual se deu a partir desses momentos de brincadeiras, confraternização ficou viva para Graciliano e sua família, e principalmente quando nos diz que o poço secou, isso nos leva a uma metáfora. O poço secou! O poço não tem água que é vida, ele não tem a convivência com ela, o que restou foram as lembranças, a saudade de uma pessoa alegre. Isso não só aconteceu com Graciliano, mas com outras pessoas, que recordam e até intitulam como: O poço de dona Elenita.

Para ele, a figura de Elenita está marcada na sociedade, os seus ensinamentos estão vivos, não apenas pelo fato da escola ser intitulada com seu nome, mas pelos seus atos, pelo que ela fez da sua história de vida. Ela plantou coisas boas, ela provavelmente vai ser lembrada por isso.

Percebi que Graciliano realmente se sentiu confortável em falar a respeito de sua amiga. Nossas perguntas, não surtiram incômodo. Inclusive em todos os momentos se manteve firme em suas indagações, revelando não apenas uma mulher passiva, calma, como parte dos nossos entrevistados a descreveu, mas uma pessoa que teve problemas no casamento, no trabalho e principalmente, uma Elenita que fugia a regra da maioria. Consumia às vezes bebidas alcoólicas, participava de festas na cidade, ria, se divertia. Uma mulher que nem sempre era passiva e relegada ao espaço da casa, mas que participava de uma vida pública e era independente.

Graciliano afirma que devido ao seu envolvimento na Escola e com a participação na igreja, ela se tornou uma figura pública, era uma pessoa que cativou e foi cativada, ela desfrutou muitas amizades na comunidade. Fátima esclarece que “Ela era amiga demais, ela era amiga de todo mundo, nunca pensou em sair.” Percebemos que Fátima descreve um apego a cidade e as pessoas.

Outra figura importante para a professora, citada por Graciliano e foi entrevistado, era o então prefeito da época, o Senhor Manoel Júlio. Que tinha amizade com a família Solon e passou para afilha. Isso se deu quando a mesma passou a ser de sua confiança nos assuntos relacionados a educação lavradense. A esse respeito o Sr. Manoel Júlio assume que isso ocorreu, não apenas porque ela era capacitada, mas



pela amizade que ele tinha com a família. Os dois marcaram uma parceria de pelo menos 10 anos, em prol da educação lavradense que se desenvolveu cada vez mais.

Por meio da amizade como forma de vida, Elenita, através de membros da sua família (Fátima, Rita, Valdeci e Socorro), com os colegas de trabalho (Graciliano), com seus alunos, com as autoridades (Manoel Júlio), com o excluído da sociedade e com a comunidade em geral, ela demonstrou cuidado com o outro e com o mundo. Acreditando no que Foucault descreve como a ética e estética da existência, aquele que tem o fio condutor as “técnicas de si”, isto é, procedimentos que permitem ao sujeito transformar e se transformar no sujeito ético, compromissado em mudar a si próprio e sua realidade a partir do conhecimento de si para transforma o outro, a nossa cultura (FOUCAULT, 1997, p.109).

Segundo Foucault, a existência de conflitos também são importantes para a amizade e um modo de vida criativo, nele há diversos embates de ideias, com múltiplos pontos de vista e não através procura de uma verdade universal, como acreditavam os gregos. Essas ideias, refletidos pelos sujeitos envolvidos são necessários para a criação de si (HÊLIO, NALDINHO, 2001).

Há casos também em que a relação de amizade pode se tornar saturada, isto ocorre quando a mobilidade e as estratégias desaparecem. Quando há um bloqueio nas relações que impedem a mobilidade do movimento, sejam a partir de aspectos, econômicos, políticos ou militares. (FOUCAULT, 2004, p.266) chama de estado de dominação.

Sentimos a ausência desse estado de dominação e também dessa relação de amizade que existiram embates, conflitos, entre ambos. Trabalhamos com a hipótese de que isso tenha ocorrido, no entanto, não podemos afirmar o que não foram relatados nas entrevistas.

Diante das nossas entrevistas percebemos que a memória, como afirma (FARGE, 2011, pg.78) “É um teatro pessoal e se fabrica através da reconstituição íntima e mítica que podem embaraçar o historiador”. O testemunho e a objetividade da história parecem se contradizer, o que provoca um conflito entre a memória e a história. Ao interrogar sobre determinado acontecimento no passado o historiador lida com o tempo presente, este que implica uma série de acontecimentos que por via transformou o indivíduo e seu discurso. Cabe ao historiador tratar o excesso a disfunção, reelaborar e pensar o peso das palavras “(...) e sua entranha maneira de estar entre diversos lugares ao mesmo tempo”.

Nas entrevistas realizadas, percebemos um cuidado para elaborar a fala sobre Maria Elenita e sobre acontecimentos que a envolveram. Os narradores a caracterizaram como uma pessoa dotada de qualidades e de ações de uma mulher



que não teve percalços, erros, deslizos e falhas. Nesse aspecto é percebido em diversas falas como: “Uma boa irmã”, “uma esposa exemplar, excelente, eu não tenho dúvidas”, “Ela tinha amor ao dinheiro não”. Sobre suas características físicas “Era uma mulher muito bonita”, seu comportamento “Uma pessoa muito boa, calma”, sua profissão “Ela adorava o grupo, se dedicava de corpo e alma”.

E quando pedimos que o narrador apresente um aspecto que ele considere ser um defeito da educadora, logo percebemos uma fuga, uma inquietude e geralmente remetem ao relapso da memória, embora reconheçam que ela tenha defeitos por ser um ser humano como outro qualquer.

Cabe a nós enquanto historiador questionar essa memória criada em torno de Elenita. Será que ela era essa mulher sem defeitos? Que agia em todos os momentos no cuidado do outro, que era uma boa irmã, esposa exemplar, que não tinha amor ao dinheiro, considerada bonita por todos, etc. Em fim, nosso desafio é analisar os discursos criados em torno dessa figura, observando e apontando os possíveis deslizos nas entrevistas e através do relacionamento com outras fontes.

Assim, nos mostra (FOUCAULT, 1995) a partir de seu enfoque sobre uma genealogia, pauta suas análises na concepção de discurso que se articula com a noção de poder. Seria a presença de poderes no próprio discurso, que se articula no interior das práticas discursivas. È então necessário olhar para o sujeito político a partir de suas técnicas, processos que movem a história e constroem seus discursos.

Uma das opções, que pode ter contribuído para que isso tivesse ocorrido é o medo das pessoas de se expor nesse registro histórico. Temendo causar certo desconforto na família, mesmo que em todas as entrevistas nós tenhamos exposto a preservação do anonimato de acordo com seu interesse. Outro aspecto que pode ter causado essa “romantização” em relação a professora foi a forma e o desenrolar dos acontecimentos que se deram em torno da sua morte. Como tudo aconteceu e pela brevidade de sua vida.

REFERENCIAS



- CARDOSO JR, Hélio. NALDINHO, Tiago Canonenco. **A amizade para Foucault: resistências criativas face ao biopoder**. Revista Fractal: revista de Psicologia. Vol.21, N°1, Pg. 43-56. Jan-Abr, 2009. Disponível em:< <http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/Fractal/article/view/194/268> > Acesso 06.06.2017.
- FARGE, Arlett. **Lugares para a história**. Trad. Fernando Scheid. Belo Horizonte. Autêntica, 2011.
- FERNANDES, Sandra Maria. **Foucault: a experiência da amizade**. Dissertação de mestrado em cultura e representações. Natal, RN, 2006. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/13778>> Acesso: 07.06.2017.
- FOUCAULT, Michel, **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)**. Trad. Andréa Daher; Consultoria, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Petrópolis; Lisboa: centro do livro brasileiro, 1972.
- FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade**. Trad. Marcos Marcionilo; Prefácio> Salma Tannus Muchail. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- FOUCAULT, Michel. De l'amirié comme mode de vie. **Entrevista de Michel Foucault** a R. de Ceccaty. J. Danet e J. le Bitoux, publicado no jornal. N°25, abril de 1981, pp.38-39. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em:< <http://portalgens.com.br/portal/images/stories/pdf/amizade.pdf> > Acesso 06.06.2017.
- FOUCAULT, Michel. **O sujeito e o poder**. In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. Foucault: uma tajeória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **O sujeito e o poder**. In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. Foucault: uma tajeória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense, 1995.
- HILDEBRAND, Alice Von. **O privilégio de ser mulher**. Trad. Luíza Monteiro C. S. Dutra. 1° Ed. São Paulo. Ecclesia, 2014.
- LE BRETON, David. **As paixões ordinárias: antropologia das emoções**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- MACEDO, Graciliano Calixto. [março 2017] Entrevistadora: GUEDES, Maria Aline S. Guedes. **Entrevista cedida ao trabalho de conclusão do Mestrado em História: Formas de viver no feminino: Histórias de vida da Professora Maria Elenita de Vasconcelos Carvalho. Pedra Lavrada-PB.**
- ORTEGA, Francisco. **Amizade e estética da existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Edit. Graal Ltda, 1999.
- QUINTILIANO, D. **Sartre: philia e autobiografia**. Rio de Janeiro: DP&A ed., 2005.
- TAVARES, Maria de Fátima [março 2017] Entrevistadora: GUEDES, Maria Aline S. Guedes. **Entrevista cedida ao trabalho de conclusão do Mestrado em História: Formas de viver no feminino: Histórias de vida da Professora Maria Elenita de Vasconcelos Carvalho. Pedra Lavrada-PB.**
- VASCONCELOS, Socorro Maria. [maio 2015]. Entrevistadora: GUEDES, Maria Aline S. **Entrevista cedida ao trabalho de conclusão de curso. Formas de viver no feminino: Análise de gênero na trajetória de Maria Elenita de Vasconcelos carvalho. Pedra Lavrada-PB.**
- VASCONCELOS, Vicente Valdeci F. [março 2017] Entrevistadora: GUEDES, Maria Aline S. Guedes. **Entrevista cedida ao trabalho de conclusão do Mestrado em História: Formas de viver no feminino: Histórias de vida da Professora Maria Elenita de Vasconcelos Carvalho. Pedra Lavrada-PB**